OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 968

20 DE NOVEMBRO DE 1905

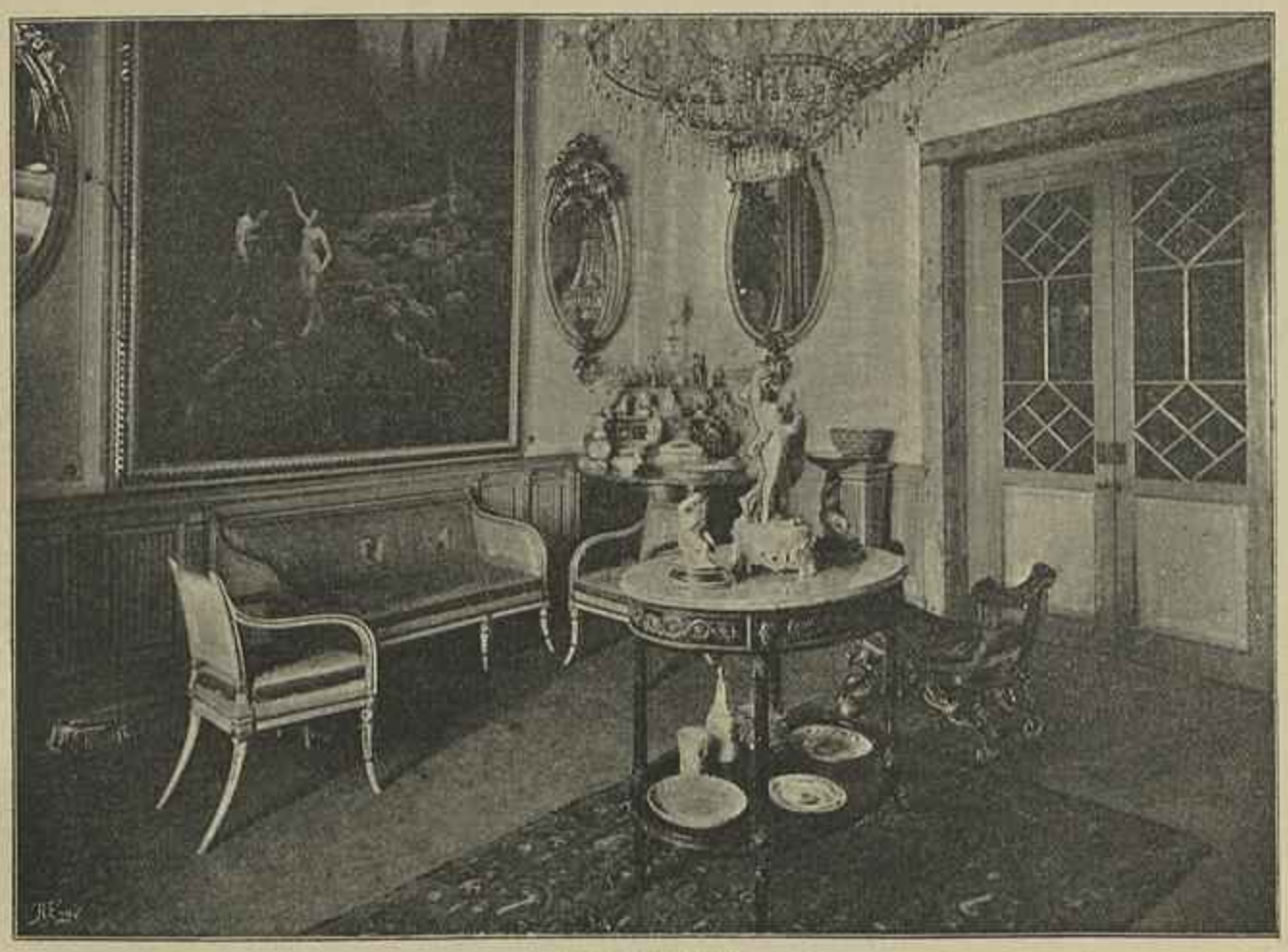
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Collecção Arroyo



SALA LUIZ XVI

PRATO DE PRATA LAVRADA, EPOCA DE D. JOÃO V

FRUTEIRO DE PRATA ARRENDADA
SECULO XV

PRATO DE PRATA LAVRADA, EPOCA DE D. JOÃO V

Chronica Occidental

Se não fosse o temporal que uivou sobre Lisboa toda a noite de sexta para sabbado, ter-se-hia visto grega a população para falar fosse do que fosse, que, de longe ou de perto, não se referisse á politica.

Era esta que absorvia tudo e todos, quando o Tejo se começou a encapellar furioso, sem que nenhum vapor da alfandega ou do arsenal pudesse sahir a prestar soccorro aos barcos que d'elle carecessem, tal era a violencia do mar. Muitos barcos se afundaram, mas não ha que lamentar a morte de nenhum dos tripulantes.

Os prejuizos em terra são menores. Alguns fios dos telephones foram pela força do vento arrastados, quebrados os postes que os mantinham, para cima dos cabos electricos dos americanos, e no Rocio as faiscas eram por todos os lados. Um cavallo que estava atrellado a uma carruagem de praça, foi morto instantaneamente.

Temos tido um excellente verão de S. Martinho, não haja duvida. Os lavradores já se vão queixando de tanta chuva e lamentando a pessima colheita que hão de ter da azeitona. Crise de abundancia no vinho, crise de escassez no azeite.

E hão de os poetas continuar cantando a doce poesia dos meados de novembro: a melancolia dos poentes, o perfume dos bosques, as folhas cahindo nas tardes humidas parecendo revoadas de borboletas de oiro!

Dizem os homens de sciencia, com estatisticas demonstrativas na mão, que o verão de S. Martinho não passa de lenda muito mal fundamentada, que a temperatura é baixa sempre nas proximidades do dia onze e que são n'estes dias frequentissimos as nuveus negras no céo e os chapéos de chuva virados pelas rabanadas do vento.

Dias de sol, noites de luar, grande quietação na terra, no mar e no céo, isso dizem elles que é rarissimo, isso desejaria o governo, e por dias muito curtos embora fosse; mas não o obteve. O verão de S. Martinho tambem se lhe mostrou adverso e o encheu de preoccupações. A opposição, em vez de abrandar, vai crescendo dia a dia, vai se mostrando cada vez mais acirrada para o combate, e tão violenta que já alguns artigos deram n'estes ultimos dias motivo a que uma pendencia fosse resolvida pelas armas.

Factos importantes se deram ou teem de dar-se, sendo todos elles muito discutidos, e mais que todos a viagem de El-Rei a Paris, aonde vae pagar a visita que recentemente lhe fez Mr. Loubet, presidente da republica franceza.

Já os jornaes nos annunciaram os festejos que se preparam na grande capital e todo o programma da recepção. Muitos jornalistas portuguezes e os srs. Antonio Maria de Oliveira Bello e dr. Consiglieri Pedroso, como representantes da Associação Commercial e da Sociedade de Geographia, seguem no sud-express de hoje. Serão recebidos pelos jornalistas francezes, os quaes tencionam offerecer-lhes um banquete, para que tambem serão convidados os principaes membros da colonia, ministro, pessoal da legação, consul, etc.

Lamentam alguns jornaes de Paris que não seja El-Rei acompanhado pela Rainha, sr.ª D. Amelia, que tantas sympathias tem conquistado na grande capital.

Ficará entretanto regendo o reino o Principe, sr. D. Luiz Filippe, que muitos desejariam ver estrear-se em tempos de horizontes menos carregados, seja que olhemos para o que nos vai por casa, seja que nos lembremos de que ainda não foi resolvido o caso com a Allemanha, a qual, demora sua resposta sobre as expropriações dos terrenos requeridos pela empreza do sanatorio, na Madeira, á nota ultimamente enviada pelo governo portuguez. Parece no entanto que as negociações vão em bom caminho e que a dictadura ou não dictadura é para o governo portuguez questão de muito maior importancia.

Dizia o annuncio para o comicio que se realisou nos terrenos proximos da rua do Thesouro Velho: «O fim é protestar contra a imminencia d'uma dictadura, derivada do proposito de impôr ao paiz, atravez de todas as legitimas resistencias, um contracto ruinoso para o thesouro e humilhante para a dignidade nacional, e resolver sobre os meios a empregar para d'uma vez pôr termo ao irregular e tumultuario funccionamento dos poderes do Estado, por forma a restituir á nação o amplo exercicio de todas as liberdades politicas e civis e a segura fiscalisação dos interesses economicos e financeiros.»

Para a convocação d'esta assembléa, foi o deputado, sr. João Pinto dos Santos, entregar ao sr. governador civil os documentos legaes necessarios.

Começam os menos atrahidos pelas coisos politicas a perder a indifferença com que muita vez acompanham as discussões. Bem o demonstraram agora, correndo ao appello do deputado illustre que acompanhou o sr. Alpoim, quando discordancias sobre o contracto do tabaco o separaram do resto do governo.

Foi tambem estes dias muito discutido o discurso pronunciado no *Centro Eduardo Segurado* pelo sr. conselheiro João Franco, a quem os proprios inimigos politicos tiveram de fazer justiça n'esta occasião.

Os tempos andam muito fóra de annunciar a paz em que tanto se falla e pela qual tantos almejam platonicamente.

Basta um simples relancear de olhos para os telegrammas que nos chegam todos os dias da Russia para nos julgarmos transportados aos mais horrorosos tempos de que faça menção a historia da humanidade. A crueldade attingiu requintes, porque bem podem os homens considerar-se abaixo das féras. Os assassinios e os incendios continuam por toda a parte. As tropas sublevaram-se em Kharbine e em Vladivostok, que está em chammas. A policia a cada passo descobre depositos de bombas. O czar, constantemente ameaçado de morte, vai cedendo, e diz-se que prepara um manifesto promettendo terras aos camponezes e a libertação das ultimas servidões. Tarde acordou talvez com o remedio.

E o odio aos judeus alastrando sempre! São elles as victimas dos maiores furores; matam-lhes as mulheres e os filhos. Em Kishineff amarraram um rabino, untaram-o de petroleo e lançaram-lhe fogo na praça publica, entre os applausos de todos

A matança dos judeus em Lisboa, no tempo de El-Rei D. Manuel, é até hoje das mais negras paginas da historia de Portugal. Mas as barbaridades que, n'esses dias, commetteu o povo de Lisboa soffreram o castigo que mereciam. Tempos depois, eram os judeus expulsos do reino por aquelle mesmo que uma vez os vingára do odio pelos desgraçados inspirado ao povo. Desgraçados dos que ficaram, desgraçados dos christãos novos que tantos morreram entre as chammas do Santo Officio!

Passaram-se quatro seculos, e o soffrimento continua sendo o mesmo ou peor!

Foi com a maior surpreza que em Lisboa se leu o artigo de Gorki em que elle incita o povo contra os judeus. Como o odio cega!

Le monde marche, escreveu Pelletan. Mas como vai devagarinho, que tão pouco assim quatro seculos modificaram a humanidade!

Apesar de todos os seus horrores não ha negar justiça aos revolucionarios russos, mas como comprehender que, n'este seculo, ainda seja preciso descer a taes extremos?

Deixemos os odios; pensemos em amizades, que nem tudo é máo n'este mundo. Falemos de coisas alegres.

Frios de novembro. Estão em Lisboa todos os theatros abertos.

Comecemos por um apertadissimo abraço no Taveira, que, d'um giro muito feliz por terras do Brazil, acaba de regressar ao theatro da Trindade.

Outro abraço a Malheiro Dias, que mais um triumpho obteve na recita que em sua homenagem lhe foi dedicada pela empreza do theatro D. Amelia. Os amigos encheram-o de brindes e El-Rei agraciou-o com a commenda de S. Thiago.

Teve o theatro de D. Maria tambem grande festa uma d'estas noites, quando Eduardo Brazão, que n'aquelle palco se encheu de gloria, n'elle reappareceu, depois de muitos annos de ausencia, representando, como elle sabe, o delicioso papel de *Duque de Aleria* no *Marquez de Villemer*. A velhissima peça deu enchentes sobre enchentes como já succedera com o *Gaiato de Lisboa*, peça decrepita que serviu para apresentação de Adelina Abranches, nova societaria. Mas como ella desempenhou, com que extraordinaria graça, aquelle papel de garoto! Não se fartava o publico de applaudil-a!

Conquistou a sociedade de D. Maria, este anno, dois dos melhores artistas dramaticos de Portugal, com a excellente qualidade ambos elles de serem portuguezes de lei no seu feitio artistico, a ambos tendo devido originaes portuguezes a maxima parte dos seus exitos.

O theatro está novamente despertando a curiosidade do publico e o interesse da critica. Sobre theatro e arte de representar annunciam-se varios livros, e um appareceu ha pouco, devido á penna do sr. Reis Gomes, de que gostosamente fazemos menção, e de que ha de occupar-se brevemente o nosso collega que tem a seu cargo a critica dos livros enviados á redacção d'este jornal. *O Theatro e o Actor* se intitula a obra do sr. Reis Gomes, que n'ella trata de alguns problemas d'arte interessantes, como quem da arte tem real conhecimento e por ella verdadeiro amor. E' livro para ser lido, e não lhe sei fazer maior elogio.

João da Camara

SONETO

Não sei se por meu bem ou meu tormento
Te vejo e te procuro. Se a toada
Da tua voz escuto, que ignorada
Sensação é aquella que experimento?

Sei apenas que a dôr, o desalento
D'esta vida tão triste e tão cançada
Vejo fugir n'um rapido momento
Pelo sol d'uma esperança, acalentada.

Caiam bençãos do Céu no teu caminho,
Deus te pague, meu Bem, todo o carinho
Do teu bondoso olhar tão lindo e brando,

Para mim eu só peço esta ventura,
Esta suave e timida amargura
De te ver, meu amor, de quando em quando.

Domitilla de Carvalho

COLLECÇÃO ARROYO

No dia 26 do corrente, no palacio da rua de Santo Antonio dos Capuchos n.º 2, começa a venda em leilão, pelo agente sr. José dos Santos Liborio, da collecção Arroyo, uma das mais preciosas do paiz, senão a de mais valia, depois da collecção Foz, ha annos tambem vendida em leilão no palacio da Avenida da Liberdade.

Não são tão vulgares em nosso paiz as collecções de antiguidades artisticas de alta valia e numerosas, que deixe de ser um acontecimento artistico importante a venda publica de tantas preciosidades reunidas, durante muito tempo, com arte e bom gosto.

O palacio da rua de Santo Antonio dos Capuchos apresenta em suas salas, em diferentes estylos, um conjunto de objectos d'arte, que constituem um museu dos mais valiosos, interessante para o publico e, sobretudo para os amadores, que ali encontrarão muito com que enriquecer suas collecções.

Mil e tantos objectos, em que se contam quadros e esculpturas raras, e de elevado valor artistico, moveis e tapessarias preciosas de todas as epocas mais celebradas e de todos os estylos, obras de orivesaria primorosamente cinzeladas, bronzes e chrystaes venezianos, faianças, porcellanas de Sèvres, do Japão, da China, de Saxe, tudo escolhido com aprimorado gosto, se encontram reunidos n'aquellas salas.

Para darmos alguma ideia a nossos leitores das mil preciosidades artisticas que formam a Collecção Arroyo, damos em gravura a reproducção d'algumas d'ellas, com a designação com que se encontram no catalogo:

Um relogio em marmore e bronze com pequenos medalhões de Sèvres, epoca de Luiz XVI.

Um bahu de charão da China, com suporte e guarnições de bronze, obra oriental.

Um relicario de crystal de rocha engastado em prata dourada com esmaltes e pedrarias, escola florentina do seculo XV.

Um leque de seda bordado a ouro, com medalhões pintados de figuras allegoricas e quadros de genero, decorado de flores em pintura no reverso, com varetas de marfim e incrustações de ouro, epoca de Luiz XVI.

Baixo-relevo em prata dourada (Carlos Magno e dois guerreiros) com muldura em bronze, pedrarias e ebano, Renascensa.

Toucador de madeira de tuya com guarnições de bronze cinzelado. Imperio (Percier).

Quadro gothico *O Calvario* escola hollandeza de Lucas de Leyde (1494-1533), muldura do mesmo estylo em madeira entalhada e dourada.

Fruteiro, concha de madreperola montada em prata dourada cinzelada, apoiada a concha sobre uma barquinha, obra veneziana do seculo XVII.

Dois pratos de prata lavrada, com brazões, epoca de D. João V.

Fruteiro de prata, arrendado, escola florentina, seculo XV.

Collecção Arroyo

A RECEPÇÃO DOS NOVATOS

A civilisação vae modificando os costumes e ainda bem quando acaba com usos insensatos e brutaes, em desacordo com as ideias e a educação da nossa epoca.

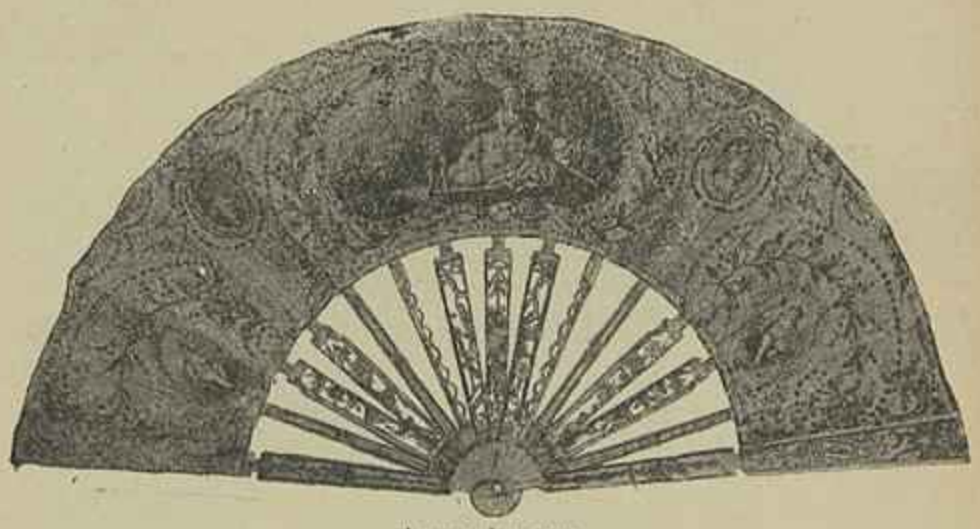
N'este caso estava a velha usança do *canellão*, na porta ferrea, e outros maus tratos que se davam aos estudantes novos ao entrarem para a Universidade de Coimbra.

Bem hajam os que reagiram contra a velha usança que a tantos conflictos deu causa e que nenhuma razão explicava a não ser a de uma brutal selvageria.

Este anno alguns academicos pensaram em acabar com o velho costume e substituil-o por uma festa litteraria em que fossem recebidos os novatos. Feliz ideia nascida em almas boas e generosas de rapazes, que quizeram poupar os seus condiscipulos ás torturas porque elles passaram ao iniciar os seus trabalhos universitarios.

Esta generosa ideia foi recebida com enthusiasmo pela maioria dos academicos e elogiada por toda a imprensa do paiz, que se fez éco de tão justa aspiração.

Para levar a ideia á pratica reuniram os academicos e nomearam d'entre si uma commissão executiva que ficou assim composta: José d'Arruela, presidente, Henrique Martins de Carvalho, João M. Pamplona Côrte Real, Alfredo Rego, Cesar de Souza Mendes, Vasco F. Caetano de Quevedo, Alfredo Pimenta, Agapito Pedroso Rodrigues e Aristides de S. Mendes.



LEQUE, LUIZ XVI

Esta commissão organisou as coisas de modo que a recepção aos novatos foi uma verdadeira festa academica, a que os habitantes de Coimbra se associaram com alegria, estando a cidade em festa nos dias 4 e 5 do corrente.

O numero do programma que teve mais interesse foi o do sarau litterario realisado no theatro do Principe D. Carlos, em a noite de 4, tendo sido a sala do espectaculo lindamente decorada pelo sr. Carlos Lobo.

A's 9 horas principiou o sarau, sob a presidencia do sr. dr. Alexandre Braga tendo por secretarios os srs. José d'Arruela e Manuel Alegre.

Na qualidade de presidente da illustrada assembleia, tomou primeiro a palavra o sr. dr. Alexandre Braga proferindo um bello discurso com aquella eloquencia e elevação de espirito que distinguem este orador, o qual foi muito aplaudido.

Ao terminar este discurso, o sr. Alfredo Pimenta, estudante de direito, recitou uma poesia de sua composição dedicada ao sr. dr. Alexandre Braga.

O sr. Campos Lima discursou primorosamente e o sr. Mauricio Costa executou ao violino alguns trechos de musica com superior gosto d'artista.

Seguiu-se o *Auto de Fé d'um praxista*, engraçada comedia em verso pelo sr. José d'Arruela. O sr. dr. Alexandre d'Albuquerque fez um brilhante discurso, e Gomes Leal recitou uma poesia de sua composição.

A meio do sarau foi lido na mêsa o seguinte telegramma de Guerra Junqueiro, que tambem se quiz associar á sympathica festa:

O meu espirito acompanhas de longe n'essa formosissima festa de amor, de alegria e de belleza, desejando que todos os annos a renovem como acto de inauguração espontaneamente educativo e luminoso.

Saudo-vos do fundo d'alma. — Guerra Junqueiro.

Este telegramma foi recebido pelo auditorio com uma prolongada salva de palmas e vivas ao grande poeta.

Esta brilhante e encantadora festa terminou no meio do maior enthusiasmo e alegria, tendo assim um auspicioso principio os trabalhos universitarios d'este anno.

Uma outra sessão litteraria se realisou na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, dedicada tambem á recepção dos novatos.

RELICARIO

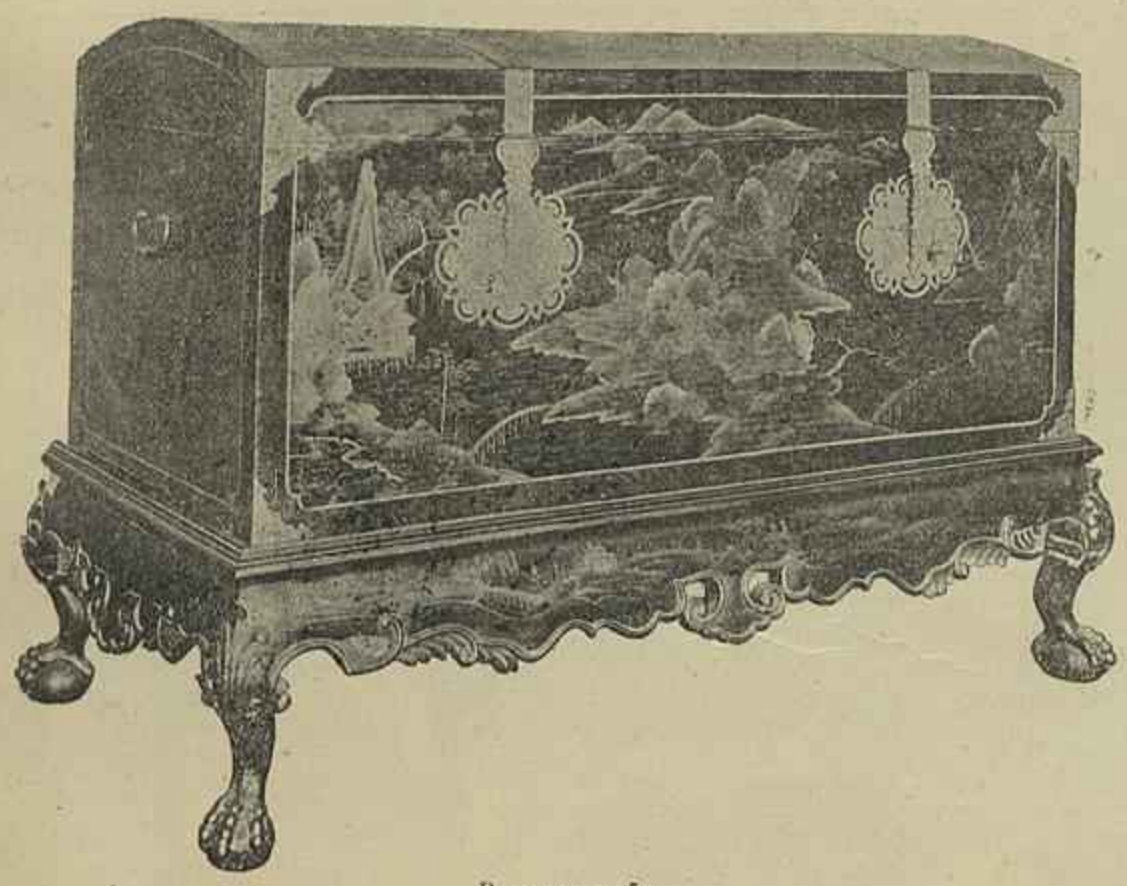
BAIXO-RELEVO EM PRATA DOURADA, RENASCENÇA

A essa sessão presidiu o sr. dr. Bernardino Machado tendo por secretarios os srs. Antonio Grave e Jorge Ayres de Campos (Ameal), academicos.

Não foi menos animada e interessante esta sessão, em que o sr. dr. Bernardino Machado discursou brilhantemente, assim como o sr. dr. Cunha e Costa, dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e o novato sr. Adriano de Souza e Costa.

A sr.ª D. Maria da Gloria Paiva, tambem pronunciou um discurso sendo muito aplaudida pelo auditorio e o sr. Henrique Martins de Carvalho recitou uma poesia dedicada ao sr. João Gomes Borges Paes, presidente da Associação dos Artistas.

Assim terminaram as festas em Coimbra, organisadas pela commissão academica para receber os novatos, e nós publicando os retratos dos seus benemeritos membros prestamos-lhe a nossa justa homenagem associando-nos do coração a esta sympathica e civilisadora iniciativa.



BAHU DE CHARÃO

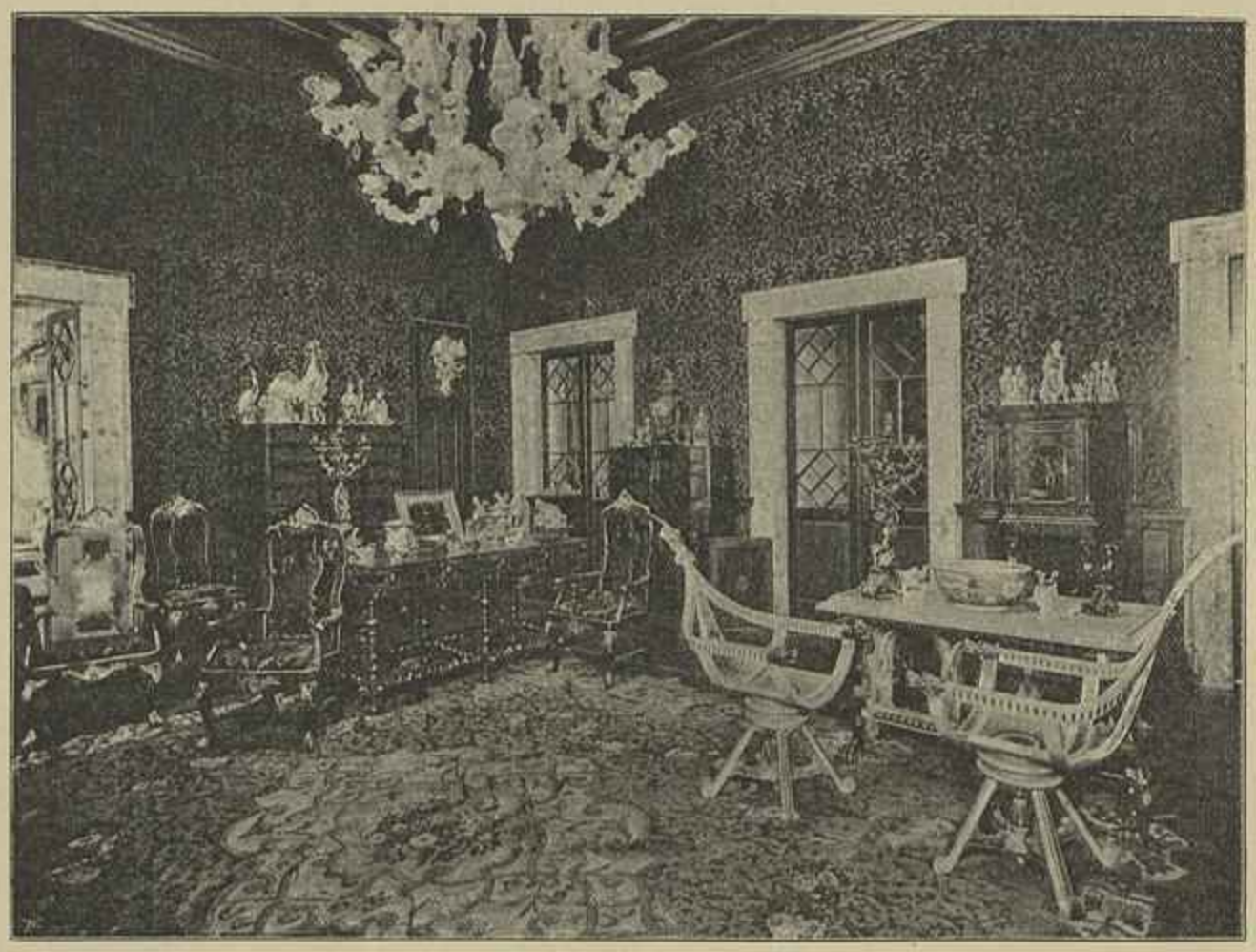
DR. HENRI MOUTON

Francez de origem, o destino trouxe-o a Portugal ainda envolto nas faxas infantis, pois tinha apenas dois annos quando deixou a França.

Que admira que elle se affeiçoasse á nossa terra quando tem n'ella tantas affeições? O dr. Mouton é estimadissimo na sociedade portugueza como o não é menos entre os seus compatriotas que compõe em Lisboa a colonia franceza, e d'isso teve agora mais uma prova, quando esta lhe confiou a delicada missão de ler e apresentar a Mr. Loubet a mensagem de boas vindas na legação de França.

A fórma porque o dr. Mouton se desempe-

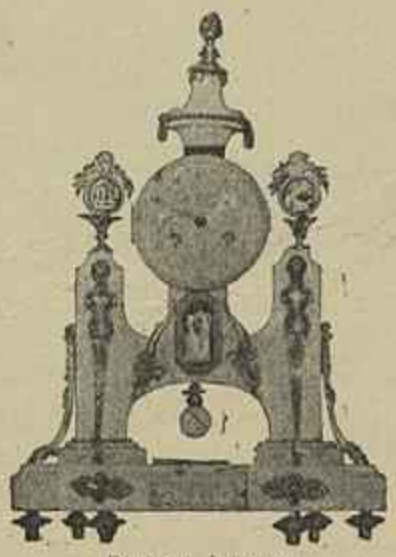
Collecção Arroyo



SALA «PÊLE-MÊLE»

O CALVARIO, QUADRO GOTHICO DE LUCAS DE LEYDE

FRUTEIRO EM PRATA DOURADA, SECULO XVII



RELOGIO, LUIZ XVI

TOUCADOR IMPERIO

Alfredo Pimenta

Cesar de Sousa Mendes

José d'Arrueli a (presidente)

Aristides S. Mendes

Vasco F. C. de Quevedo

João M. Pamplona Corte Real

Alfredo Rego

Agapito Pedroso Rodrigues

Henrique Martins de Carvalho

COMMISSÃO DA RECEPÇÃO AOS NOVATOS

nhou d'este honroso encargo está acima de todo o elogio e veio confirmar mais uma vez seu espirito illustrado e elevados sentimentos, quando referindo-se a seus compatriotas, não esqueceu a sua patria adoptiva, exaltando quanto elles são estimados na terra portuguesa.

Não seria preciso este publico testemunho para avaliar o excellente caracter do dr. Mouton, mas veio apertar mais os laços de amisade e augmentar as sympathias que em Lisboa rodeiam o distincto clinico.

Emoldurando com estas despretenciosas linhas o retrato, que hoje honra as paginas do Occidente como justa homenagem ao dr. Mouton, vamos completal-as com as breves notas biographicas que podémos obter.

Nasceu em Paris em 1858 e com menos de 2 annos de edade veiu para Lisboa.

Aqui cursou preparatorios na Escola Academica e fez o curso completo de chimica no Instituto Industrial.

Em 1877 foi para Paris matricular-se na faculdade de medicina e durante o seu curso, foi nos hospitaes discipulo dos professores Dieulafoy, Vulpiau, Duplay, Bonilly, Jules Simon etc. Defendeu these em 1883 obtendo esta a classificação mais elevada pelo que foi premiado com a medalha de prata.

Em 1885 regressou a Portugal repetindo os exames do curso medico perante a Universidade de Coimbra. Começou então no exercicio da clinica em Lisboa, sendo pouco depois nomeado medico do Hospital de S. Luiz e mais tarde do Hospital das Creanças ao Rego. E' medico director da consulta da tarde no dispensario da Assistencia Nacional aos Tuberculosos

Na Sociedade das Sciencias Medicas tem feito varias communicações sobre o diagnostico da tuberculose pulmonar, sendo o primeiro que acerca d'este assumpto particular escreveu em Portugal; sobre o tractamento da diphteria pelo sôro de Bhring-Roux; sobre o emprego da tuberculina de Kock, etc.

E' condecorado com os habitos de S. Thiago e da Legião de Honra.

Dr. Henri Mouton

LITERATURA RUSSA

Um Santarrão

por

IWAN TURGENJEW

Traducção de *M. Macedo*

Fartámo-nos de palmilhar as mal calçadas ruas da cidade de T... Até que afinal o meu guia parou em um dos bairros mais desertos e mais pobres, em frente de um casebre de dois andares, de madeira, já meio derruido, esfregou o nariz com a manga do gabinardo, e disse:

— É aqui; naquella porta, á direita.

Galguei uns degraus e trupei á porta; esta, muito acanhada, ringiu sobre os gonzos, e surgiu-me na frente uma velha, gorda, com um cazavéque cor de canélla debruado de pelle de lébre, e um lenço de côres vistosas na cabeça.

— Mastridia Kaspowna? perguntei.

— Em pessôa, respondeu a velha em voz estridula. Entre, faça favor, e queira sentar-se.

A estancia para onde a velha me encaminhou estava de tal modo atravancada com candeeiros, almofadas, sacos e colxões, que uma pessoa mal se podia mexêr. Os raios de sol a custo penetravam através das vidraças estreitas e turvas; de um canto, debaixo de um montão de cestos, saiam uns gemidos e um carpir abafado... não atingia a perceber o que fôsse; uma creança inferma, talvez, ou um cachorrinho.

Sentei-me numa cadeira e a velha possou-se-me defronte. Tinha um rosto amarellento e diafano como a cêra; os labios, sumidos a tal ponto, que, entre as inumeras rugas, estabeleciam apenas um traço horizontal. Uma madeixa de cabello branco surdia por debaixo do lenço, os olhos, pardos, pequenos mas muito vivos, despediam

um olhar astuto e equivoco ao abrigo do protuberantissimo osso frontal; o nariz, bicudo, espetado á laia de sovéla e resfolgando no ar: «Não, a mim não me engodas tu», parecia dizer.

— Sabe-a toda, esta bruxa matreira! disse commigo.

E tresandava a aguardente, a carcassa!

Transmiti-lhe o escopo da minha visita, e notei que lhe não era desconhecido. Escutou-me, piscando muito os olhos e afunilando ainda mais o nariz como se intentasse dar uma picada em alguem.

— Sim, senhor, emitiu, por fim, o Ardolion Matwejitsch já me tinha prevenido; está muito bem, meu senhor; vens então consultar a sabedoria do meu filhinho, do Wassinka?... ora, o que eu não sei, meu senhor, é se...

— Por quê? atalhei:

De mim nada tem que temer, não sou capaz de a denunciar.

— Ai! meu páezinho! accudiu a velha, que está a dizer?

Nem pensar nisso é bom! E para que é que nos haviam de denunciar?

Nós fazémos alguma coisa que seja peccado, porventura? Não, que o meu filhinho não é capaz de practicar nenhum acto ruim!... nem coisa que de longe cheire a bruxaria... Deus e a sua mãe santissima nos defendem de tal!» (Disse e benzeu-se três vezes.) Lá quanto a rézas e jejuns não quéro que haja outro cá na comarca; é como te digo, meu paezinho, excellentissimo senhor, ainda está para vir o primeiro, e foi por isso mesmo que Deus Nosso Senhor lhe concedeu esse condão... E demais, elle não o tem em si, veiu-lhe lá de cima, ao meu pombinho sem fel; lá de cima, sim, senhor.

— Com que então, annúe? perguntei. E quando poderei falar com seu filho?

A velha catrapiscou os olhos outra vez, e voltou a tirar o lenço de algodão de uma manga, e a metê-lo na outra.

— Ai, meu rico senhor, muito custa a ganhar a vida!

— Permita-me, Mastridia Karpowna, que lhe offereça esta insignificancia, atalhei, metendo-lhe na mão uma nóta de dez rublos.

A velha filou-a desde logo com aquelles seus gatazios como garras, semelhantes ás piozes de um móxo, enfiou-a para a manga, n'um apice, pôs-se a reflectir e bateu duas palmadas nos quadris, como quem toma uma subita decisão.

— Terás de voltar cá esta noite, ahi pelas oito horas, emitiu, não já na toáda habitual, mas com voz mui diversa, mais baixa, posto que com maior intimativa; mas não entres cá em baixo, sóbe desde logo ao segundo andar; encontras á tua esquerda uma porta, abre-a; e depois, excellentissimo senhor, entras para um quarto onde encontrarás uma cadeira. Senta-te nella e espera; e vejas o que vires, nem palavra! Não tentes sequer falar com meu filho; porque não vês tu, elle é ainda tão creança, e epiléptico, demais a mais. Assusta-se com qualquer coisa: e pega logo a tremer que nem um lóparo... uma lastima, não fazes ideia!

Olhei de fito para Mastridia.

— Diz, então, que elle é ainda uma creança, mas sendo elle seu filho?...

— Espiritual, meu páezinho, espiritual! Tenho á minha conta um rebanho inteiro de orfãos, proferiu, indicando com um acêno de cabeça o canto da casa, donde vinham aquelles sons tão plangentes. — Ai, Deus do Ceu, santissima mãe de Deus! E vê lá, meu páezinho, antes de cá vir pensa bem, a qual dos teus parentes ou dos teus conhecidos — Deus os tenha á sua conta — desejas ver. Faze por te lembrar de todos os teus mais prezados defuntos, e escolhe aquelle que melhor te parecer; depois, assim que apparecer o meu filho! não percas da ideia a nenhum delles.

— E não será preciso dizer ao seu filho, a quem é que eu...

— Por caso nenhum, meu páezinho, nem palavra. Elle t'o lerá no pensamento, deixa estar, tudo que precisar saber.

E ter cuidado em não perder da ideia a nenhum delles: e ao jantar, não te esqueça beber de dois a tres copos de vinho — O vinho nunca faz mal.

Riu-se a velha, lambendo os beiços, limpou a bôca com a mão, e suspirou.

— Com que então, ahi pela volta das sete e meia? perguntei levantando-me.

— As sete e meia, meu páezinho, e meu excellentissimo senhor; ás sete e meia, repetiu Mastridia Karpowna.

* * *

Despedi-me da velha e voltei para o meu hotel. Não punha em duvida, sequer, que tentavam explorar-me.

Mas de que modo? Eis o que me aguçava a curiosidade. Permutei ainda meia duzia de palavras com o Ardélion.

— A vélha annuiu? perguntou com uma cara de circunstancia: e em vista da minha resposta afirmativa exclamou:

— Aquillo não é mulher, é um ministro!

Conformando-me ao conselho do *ministro*, passei mentalmente revista a todos os defuntos do meu conhecimento. Depois de longas hesitações, assentei em escolher um ancião, falecido, havia muito tempo, francês, e que fôra meu pedagógo. Não lhe concedi preferencia porque sentisse pelo sobredito especial inclinação; era porém um typo a tal ponto original, parecia-se tão pouco ao commum dos mortaes, que era de todo impossivel formar a seu respeito uma idéa approximada, não o havendo conhecido.

Tinha uma cabeça desconforme, uma juba branca, muito basta, e arripiada para trás, sobrancelhas negras e fartas, um nariz de abutre e duas verrugas côr de lilás no meio da testa, usava uma casaca verdoenga com botões chatos, de metal, amarélo, um colête de listras, um colarinho muito alto, bofes na camiza, e punhos de fôlhos.

— Se elle tiver artes de me apresentar o meu velho Dessère, disse commigo, não hesitarei em confessar que o homem é um feiticeiro de mão-cheia.

Ao jantar, não desprezei o conselho da velha, bebi uma garrafa de Lafitte, abonada pelo Ardélion como vinho de primeira qualidade, mas não obstante, sabendo a aguárdente queimada e deixando no fundo do copo um denso residuo de páu de amendoeira.

* * *

Ás oito em ponto parava eu á porta da cása em que celebrára aquella conferencia com a respeitavel Mastridia Karpowna. Os postigos das janélas estavão cerrados, a porta, porém, estava aberta.

Entrei, atrepei pela escáda vacilante até ao segundo andar, abri a porta á esquerda, e conforme me havia previnido a velha, encontrei me em um aposento quasi vazio, e de dimensões um tanto avantajadas. A luz de uma véla de cebo impoleirada na saliencia do rebordo da parte superior da janéla, difundia apenas froixa claridade; encostada á parede fronteira á porta, estava uma cadeira de junco. Aticei a véla, que bruxuleava immensamente, sentei-me na cadeira e esperei.

Os primeiros dez minutos decorrêram com relativa celeridade; no quarto não havia coisa nenhuma que me chamasse a atenção; eu, porém, de ouvido á escuta, não desfitava os olhos de sobre a porta.

O coração palpitava-me rijo.

Aos primeiros dez minutos seguiram-se outros dez, depois, meia hora, mais um quarto de hora, — e ninguem dava signal de vida! Tossi uma vez, afim de manifestar a minha presença; ia já principiando a enfastiar-me e a incolerizar-me, até; ser comido por tôlo, desta maneira, com isso é que eu não contára nunca.

Estava já para me levantar, ir á janéla pegár na luz e descer escada abaixo... ergui os olhos para a luz; tinha-lhe crescido outra vez o murrão; desviando, porém, a vista em direcção á porta, estremeci, involuntariamente: encostado á humbreira estava um homem. Fôra tão rapida e tão pouco ruidosa a sua entrada, que eu nem sequer o percebi.

* * *

Trajava uma grosseira jaqueta azul, era de meia estatura e um tanto reforçado. Com as mãos atraz das costas e o pescoço estendido, mirava-me de fito. A frouxidão da luz não me permittia distinguir-lhe cabalmente as feições; apenas se tornavam conspicuas a hirsuta e farta grenha cahida sobre a testa, os labios grossos, algo contrahidos, e os olhos desbotados.

Quiz dirigir-lhe a palavra, a lembrança das recommendações da Mastridia, tapou-me porém a bocca. O homem não despregava os olhos de cima de mim, e eu os meus de cima d'elle; e caso singular, ao mesmo tempo, experimentava uma sensação como que de mêdo; e conformando-me ás recommendações da velha, entrei a evocar detidamente as redordações de meu velho pedagógo.

O individuo para ali estava encostado á porta, com a respiração offegante como se houvesse trepado uma ladeira ingreme ou carregado com um fardo pesadissimo, e os olhos, á medida que se approximava, cada vez mais escancarados — e eu a sentir-me opprimido sob a acção d'aquelle olhar fito, carregado, ameaçador. De tempos a tempos aquelles olhos dir-se-iam ferir lume, como que a expansão de um fogo interno; fogo identico ao que tenho observado nos olhos dos galgos, ao fitarem-se em uma lebre, e elle tal qual um galgo não os desfitava de sobre os meus, por mais que eu tentasse desviar d'elle a vista.

(Continúa). M. Macedo.

O doutor Behring e o congresso internacional da tuberculose

Realisou-se em Paris, nos dias 2 a 7 de outubro do corrente anno, um congresso internacional sobre a tuberculose, presidindo á sessão o sr. Loubet, no grande Palacio dos Campos Elysios e em que tomaram parte 2:500 congressistas.

Herard, presidente do Congresso, abriu a sessão, pronunciando um discurso sobre a melhor forma de atalhar a doença, por meio da eliminação do *bacillus*. E' necessario obstar a que esse *bacillus* ganhe terreno, na sua multiplicação, sendo esse o principal ponto de mira, em questão, e não, o occuparmo-nos de atacar o microorganismo propriamente dito. Essas causas que poderiam obstar o desenvolvimento do pequeno ser resumem-se a 3: boa alimentação, boas condições de habitação e anti-alcoolismo, todas ellas como se vê, dependentes da hygiene social.

O distincto professor Behring pediu então a palavra, explicando qual o modo de acção da *bovovaccina*, por elle descoberta, contra a tuberculose do gado bovino.

Dr. Behring

Segundo as suas theorias, a immunidade adquirida pelo emprego d'esse producto é uma verdadeira immunidade *cellular*, e por meio d'elle, combater-se-hia, com resultado, a terrivel doença.

Essa substancia designada por Behring pelo symbolo TC e por TX, depois de ter sido sujeita á acção cellular, preexiste no bacillus tuberculoso, como um agente dotado de qualidades extraordinarias, sendo possivel extrahil-a, do virus, eliminando 3 grupos de substancias bacillares: a 1.ª soluvel no alcool e toxica (T), a 2.ª soluvel n'um sal neutro e toxica (TGL), e por fim a 3.ª, soluvel no alcool, ether, chloroformio, e intoxica; modificando-se em seguida, por meio de preparações convenientes o residuo *(restbacillus)*.

Devido á preparação da TC, nos laboratorios, por meio de uma vaccina, a elaboração pelo organismo da substancia immunisadora é substituida por uma immunisação passiva que facilmente é transformada pelo elemento cellular.

Comtudo, apesar de todas as probabilidades a favor, essas theorias ainda não foram comprovadas pela pratica, sendo o dr. Behring o primeiro a exigir que a acção therapeuthica do seu remedio seja demonstrada afim de que a hora em que a tuberculose se possa considerar como attenuada, esteja proxima.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

O snr. Morin, director da grande fabrica de optica de Ligny-en-Barrois acaba de construir objectivas symetricas de 4 e 6 lentes, nas quaes entra o quartzo. A sua abertura util não pode, porém, exceder F/13, dando, comtudo, instantaneos á sombra, por tempo claro, — devido a serem essas objectivas construidas com lentes muito delgadas,

evitando a perda de luz por absorpção e da permeabilidade particular do quartzo, sob a acção dos raios chimicos. Teem as vantagens de serem pouco hygroscopicas, e como o crystal de rocha é puro e transparente, as objectivas não teem bolhas, estrios ou outros defeitos, no interior das lentes.

As vantagens do emprego do quartzo não estão, apesar do que dissemos, na proporção da difficuldade da sua construcção, por isso Morin construiu outras objectivas em que supprimiu o quartzo (apoquartzo) o que augmenta muito a abertura util, corrigindo as diversas aberrações, e obtendo-se com uma abertura F/1 a F/5, uma imagem circular, nitida, de diametro egual á distancia focal da objectiva.

AS ESCOLAS BERLITZ

O Occidente já teve occasião de se occupar das Escolas Berlitz, quando o sr. Alex e Hubert Bruns vieram estabelecer uma d'estas escolas em Lisboa, na rua do Alecrim n.º 20 A.

E' importante o desenvolvimento que o ensino das linguas pelo methodo Berlitz tem tomado em nosso paiz, estendendo-se ás principaes cidades do reino onde se tem estabelecido escolas.

Um facto, porém, veio agora affirmar a excellencia do methodo Berlitz, o qual foi o de ter alcançado no grande certamen universal da Exposição de St. Louis um grande premio na escola que ali estabeleceu e onde se poude avaliar bem os resultados praticos do ensino por aquelle methodo.

Folgamos de poder registrar tão merecida distincção ás escolas Berlitz, tanto mais por termos sido dos primeiros em Portugal a recommendar este methodo de ensino.

Para demonstrar bem as vantagens do methodo Berlitz, muito melhor do que nós o poderiamos fazer, o demonstrou o sr. Meine, n'uma conferencia publica em Braga e que em seguida publicamos, por amavel cedencia do auctor.

«E' por certo banal repetir-se que o homem moderno, o homem de negocios principalmente, deve ser polyglotta. O conhecimento das linguas vivas proporciona a quem o possue enormes vantagens. Permitte-nos devassar o pensamento alheio e propagar as nossas idéas para além do circulo forçosamente restricto em que evolucionamos.

Se de futuro vier a impôr-se uma lingua universal em toda a superficie da terra que immensos beneficios não trará como consequencia! Mas este progresso, segundo todas as probabilidades, tardará ainda muito mais do que tardarão os omnibus Madeleine-Bastille a transformar-se em balões dirigiveis — e isto por um grande numero de razões que me é impossivel desenvolver hoje aqui. O mais seguro, até á nova ordem de coisas parece ser o assimilarmos o idioma dos povos com que o nosso interesse ou a nossa sympathia nos põem em contacto. O commercio no futuro, (forçoso é dizel-o) far-se-ha cada vez mais fóra das fronteiras. Não ha muito que os comerciantes provençaes luctavam por encontrar os seus freguezes tão sómente na Normandia e na Lorena; ámanhã irão procural-os á propria Inglaterra, á Allemanha ou á Russia. Hoje não ha difficuldades insuperaveis e a acreditarmos o que se diz, apenas as primeiras cinco ou seis linguas são difficultosas. E' relativamente facil adquirir um conhecimento regular do hollandez e do sueco quando se saiba bem o allemão ou o inglez. Sem chegar até este ponto todo o individuo medianamente intelligente poderia assimilar durante a juventude, pelo menos uma lingua anglo-saxonia e uma lingua neo-latina, ajudado pelo conhecimento do francez.

Esta modesta bagagem é já de uma incontestavel utilidade como o podem provar os nossos contemporaneos que d'ella se acham providos.

A comprehensão d'estas coisas tão evidentes não é senão de data bem recente. E o que custou mais ainda foi a creação e depois a diffusão de um bom methodo para o ensino das linguas vivas. Dois meios se experimentaram para facilitar este estudo: A permanencia em paiz estrangeiro ou a presença de um professor ou uma professora estrangeira no seio da familia. Meios estes excepcionaes e sempre restrictos visto que são apenas apanagio de uma pequena minoria, elles resultam em muitos casos absolutamente imperfeitos.

Pela minha parte conheci uma governante, mulher da provincia, que foi ha tempos chamada para Inglaterra como professora, para ensinar allemão a umas creanças em cuja casa servia tambem de cozinheira. Não podia deixar, como não deixou, de ensinar aos seus discipulos as expressões plebeias usadas na sua aldeia. Comprehende-se como isto devia ser desagradavel.

Não é um caso isolado, pelo contrario, e esta solução é ao mesmo tempo dispendiosa e incerta. Mas, eis que esboça um movimento em favor do methodo que se chama «natural» ou directo. Em lugar de se tomar para vehiculo a lingua materna do estudante, faz-se, desde o principio, uma abstracção tão completa quanto possivel d'ella e porfia-se por justapor directamente a expressão estrangeira á idéa ou ao objecto que ella representa. E' a suppressão da traducção, sempre tão trabalhosa e tão illusoria, é o estudo de um ser vivo e não da dissecação de um cadaver.

Para dar uma idéa d'esta fórma de ensino, vou descrever summariamente o methodo Berlitz que é debaixo de certo ponto de vista, o typo dos processos novos e do qual eu tenho a peito confirmar préviamente as vantagens.

Temos o allumno em frente do professor. Indicam-se-lhe os objectos proximos: a mesa, a cadeira, o livro, a porta, a janella, etc., etc... e pronuncia-se na lingua a ensinar o nome d'esses objectos no mesmo instante em que a attenção do neóphyto se dirige para elles. O allumno repete instinctivamente essas palavras; o professor insiste até que ellas sejam pronunciadas correctamente. Depois de esgotado todo o material existente na sala da aula recorre-se a imagens simples e claras, desenhadas na pedra ou nas paginas de um album. E' possivel ensinar assim, em pouco tempo e d'uma fórma segura a maneira de exprimir um grande numero d'idéas concretas. Em seguida vem a noção das pessoas, vós, eu, etc., e a das qualidades particulares de cada coisa, qualidades que, pela comparação, facilmente se comprehendem, de modo que o alumno observa que um livro é azul, o outro vermelho, que é comprido um lapis e curto um outro, etc., e vae aprendendo como estas palavras se devem pronunciar.

Feito isto, passa-se ás idéas mais abstractas. O professor toca na parede, na mesa, na janella, etc., facilmente consegue que o alumno faça o mesmo, repetindo juntamente as palavras que exprimem esta acção. Em seguida o professor convida-o a tocar no tecto e o alumno quereria responder — «não posso» — mas ignora a palavra. E' precisamente no momento em que esta ideia lhe vem ao espirito, que o mestre pronuncia a palavra apropriada e assim fica mais uma idéa, não traduzida, mas expressa; e assim succede com as outras. — Então, mas só então, dá-se um livro ao alumno, um livro muito simples como eram os que elle lia quando criança, nada mais logico: — nos diversos povos a lingua fallada precedeu sempre a lingua escripta e proceder assim é conformar-se com as leis da natureza. — D'esta fórma aprende o alumno uma lingua estrangeira exactamente como aprendeu a sua quando era pequeno, com a differença porém, de ser agora mil vezes mais rapido o seu adiantamento, porque já possue as idéas que, em creança, tinha de aprender ao mesmo tempo que as palavras. Metade do caminho está andado e era justamente este o mais longo.

E não se diga que o methodo Berlitz põe de parte a grammatica; antes a usa desde a primeira lição, mas sob a fórma de exemplos. Quanto ás regras estudal as-ha mais tarde o alumno; e eis como: se estudar por exemplo o inglez, ser-lhe-ha dada em occasião propria uma grammatica para uso dos inglezes. Procede-se da mesma fórma com os livros da litteratura, passando-se gradualmente dos mais simples aos mais complexos, attendendo-se sempre ao que já se tem estudado. Nada mais natural; — uma criança de tres annos, que apenas balbucia o francez, não estuda as obras de philologia. Estas só lhe são uteis muitos annos depois, quando falla já correnté e correctamente.

Um estudante do Methodo Berlitz, porque é mais ou menos dedicado ao estudo, percorre o mesmo cyclo sómente em alguns mezes, e é esta a unica differença. — Esta regra tão fecunda, a palavra não deve nunca preceder a idéa mas acompanhal-a, fórma a base fundamental do methodo que nos occupa. Graças a ella o alumno comprehende os idiotismos que não tem traducção na sua lingua e não perde o tempo procurando significados que não existem na maior parte dos casos.

Quem não sabe a historia d'aquelle estrangeiro que escrevia a Fénelon: «Monsieur vous avez vraiment pour moi les, boyaux d'un père». Permittam vossas excellencias que eu me limite á citação em francez, visto que á traducção litteral destoaria por completo no meio do auditorio tão illustrado, limitando-me apenas a dizer que o homem com taes expressões queria significar que os affectos de Fénelon para com elle tinham toda a extensão de affectos verdadeiramente paternaes. O estudo do francez pelo methodo Berlitz tel-o-hia salvo d'este ridiculo erro e de muitos outros.

Insisto n'este ponto porque tanto para os negociantes como os industriaes, a faculdade de traduzir uma phrase á força de diccionario com o sentido proprio ou sem elle, bem pouco é. O que lhe é neccessario é exprimirem as suas idéas nitidamente, fallando e escrevendo a lingua d'outrem, e tanto a razão como a experiencia permittem-me affirmar que o methodo analytico, chamado classico é impotente para lh'a ensinar, em quanto que o outro se impõe á mais simples reflexão. — Vejamos pois ainda uma prova, porque ellas abundam: Quem d'entre nós não sabe uma ou outra palavra d'isso a que se chama — giria — d'essa giria admittida a pessoas ainda as mais cautelosas?

Estas palavras não se assimilam, procurando-as no diccionario mas sim ouvindo-as pronunciar no momento em que uma idéa se apresenta ao espirito. Ninguem se atreveria, por amor proprio, a pedir uma significação exacta d'ellas, mas todos as empregam sem hesitar.

Um menino diz para o seu companheiro: — Tu não és chic — e, já se vê, não se dá explicação alguma da palavra chic. Comtudo o companheiro por mais inexperinte que o supponhamos, comprehendeu-o. Elle acaba, portanto, de receber uma lição segundo o methodo Berlitz. — O methodo cujas vantagens geraes acabamos d'examinar, não é obra d'um dia. Já antes de 1878 Mr. Berlitz, então modesto professor de linguas vivas, trabalhava n'elle, sendo pouco depois secundado por collaboradores dedicados, cujo interesse nunca diminuiu. A primeira escola foi creada ha 25 annos em Providence (Estados Unidos). — Foi sómente em 1899, que na Europa teve logar a fundação de tres estabelecimentos semelhantes, em Paris, Londres e Berlim. Desde esta epocha, já affastada, que longo caminho se tem percorrido!

Actualmente, sob a competente direcção de Mrs. Collonge e Wellhoff, dois trabalhadores da primittiva, conta-se, só na Europa, 200 escolas Berlitz em plena actividade, sendo 14 em França e 77 em Allemanha.

Estes novos methodos tem actualmente directo influxo nos estabelecimentos officiaes, e o ministerio d'instrucção publica reformando, ha alguns mezes, o ensino secundario, prestava lhes a devida homenagem. Se no fundo de tudo isto não houvesse senão, como um pouco livianamente se diz, charlatanismo e publicidade, como se explicariam semelhantes resultados? Como comprehender esta affluencia d'alumnos que augmenta cada vez mais nos centenares d'escolas, criadas por M. Berlitz e pelos seus collaboradores sem subsidios d'especie alguma, sem outro capital mais do que uma invencivel energia posta ao serviço d'uma ideia justa?

M. Berlitz, Collonge & Wellhoff tiveram fé, esta fé que transporta montanhas e elles colhem hoje a recompensa de seus esforços sob a forma d'uma adhesão quasi unánime aos principios por cujo triumpho ha 20 annos que luctam, — o que é justo devemos concordar.

Concludentes experiencias feitas no recinto da Exposição de 1900 e n'outros logares tem demonstrado que o methodo Berlitz se preste tanto ao ensino collectivo como ao individual, comtanto que o effectivo das classes não ultrapasse o normal.

Comtudo esta condição para o aproveitamento é necessaria para todo o ensino qual quer que seja. O estudo das linguas vivas que já occupa um logar d'honra nas nossas escolas commerciaes vae certamente aproveitar immenso com a applicação dos novos principios. E um aperfeiçoamento consideravel a acquisição d'um elemento commercial de primeira ordem e esses elementos nunca serão demasiados.»

A. Meine.

PUBLICAÇÕES

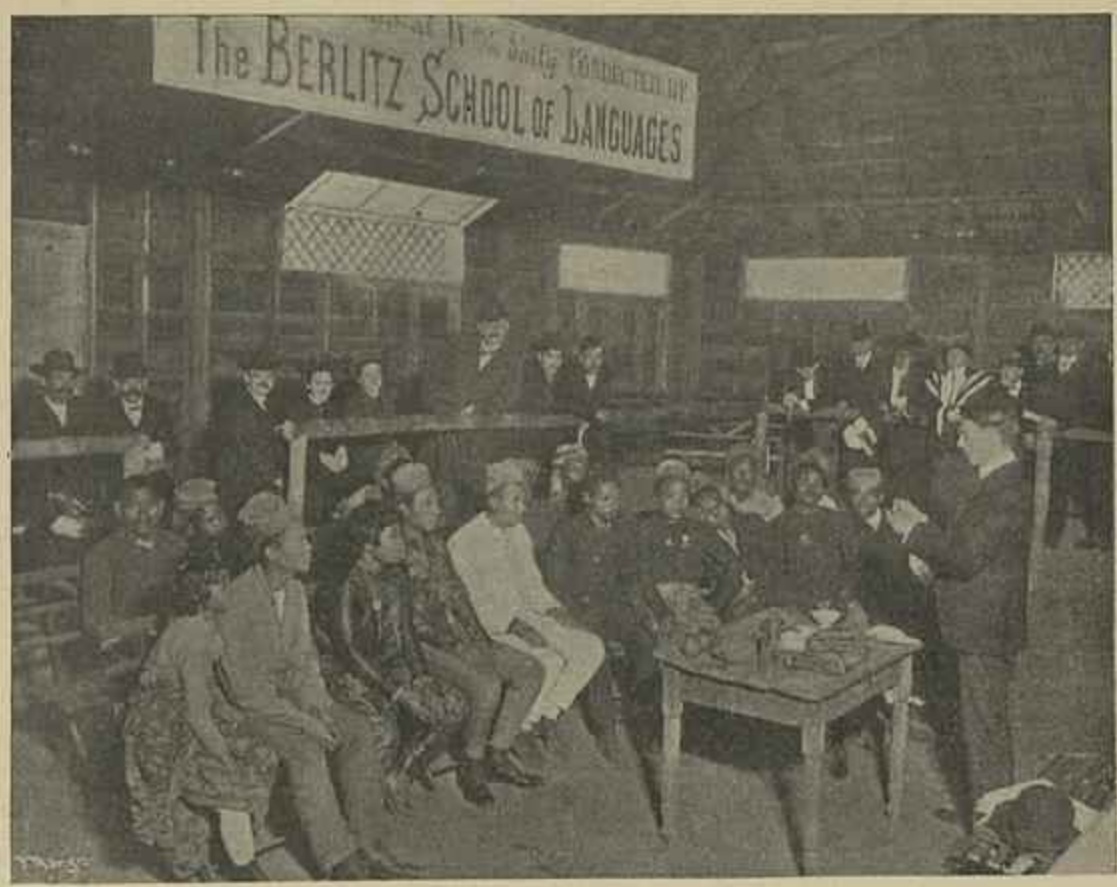
Recebemos e agradecemos:

Quinto Mandamento. — *Peça original em 4 actos, por Affonso Gayo, com um prefacio do auctor, representada pela primeira vez em 15 de julho de 1905 no Theatro do Principe Real.* — Centro Typographico Colonial, 38 R. C. da Gloria, Lisboa 1905.

E' o sr. Affonso Gayo já vantajosamente conhecido no mundo das letras e agora se revelou tambeu auctor dramatico com a peça *Quinto Mandamento*, a respeito da qual se levantou ha tempos questão entre o auctor e a empresa do Theatro de D. Maria para a pôr em scena, o que não se realisou.

Ultimamente foi representada no Theatro do Principe Real e agora publicada em livro, onde podemos apreciar as suas qualidades litterarias e o interesse do enredo da peça, vasada nos moldes do theatro moderno.

Ao auctor agradecemos o exemplar que nos offereceu e a amabilidade da dedicatoria.



EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ 1904 — ESCOLAS BERLITZ PREMIADAS COM «GRAND PRIX»

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA — R. do Alecrim, 20 A 1.º e 2.º andar

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de 1900 GrandPrix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico por Professores extrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. A. o Principe Real da Allemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funccionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituinte do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSOLOGIA. — A *Roburina* toma-se dissolvida em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colhéres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porto

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n.º 1516 — LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE acceita photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes **serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.**

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

LISBOA

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobilias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Almanach illustrado do OCCIDENTE

Para 1906

Sahiu a publico este interessante annuario e desde já se recebem encommendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPREZA DO *OCCIDENTE* — LARGO DO POÇO NOVO
LISBOA